

Discursos midiáticos sobre o corpo feminino: o *healthism* e a violência simbólica¹

Flávia Martins dos SANTOS²

Lenise Santana BORGES³

Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GO

Resumo

A partir de uma abordagem sociológica e feminista, o presente artigo pretende discutir de que modo os discursos midiáticos apresentam modelos ideais de corpos femininos como padrões a serem desejados e buscados. Apresentando as diversas práticas de cuidados como o corpo da mulher como práticas saudáveis, tais discursos difundidos pelas diversas mídias expõe, legitimam e defendem padrões estéticos femininos. É a partir desse processo de disseminação e legitimação que surge a dominação entendida como natural e consentida pelos dominados, expressa na “violência simbólica” (BOURDIEU, 2010).

Palavras-chave: mídia; mulher; corpo; violência simbólica.

1 A CULTURA SOMÁTICA CONTEMPORÂNEA

Ao analisarmos os processos históricos que nos conduziram ao que chamamos hoje de pós-modernidade⁴, é possível perceber a centralidade que os aspectos corporais ocupam na cultura contemporânea. Aspectos relacionados aos avanços tecnológicos, ao fortalecimento das micropolíticas, a valorização do presente, a implosão do consumo, dos fatores estéticos e afetuais, convivem lado a lado com uma cultura somática, que tem na materialidade um espaço privilegiado de autoconhecimento, suposta liberdade de ação e fonte de prazer.

Desde meados da década de 1960, pode-se considerar que o corpo passou a ser visto definitivamente como fenômeno histórico, social e cultural, objeto de representações e imaginários, principalmente com o surgimento de movimentos como o feminismo, a

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Mestre em Comunicação, Mídia e Cultura pela Universidade Federal de Goiás - UFG. Professora efetiva do curso de Relações Públicas da UFG. Email: flaviamartins21@gmail.com.

³ Doutora em Psicologia Social pela PUC-SP, professora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da PUC-GO, orientadora do trabalho. Email: esinel@uol.com.br

⁴ A pós-modernidade seria "uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação" (EAGLETON, 1998, p. 7).

“revolução sexual”, a expressão corporal, a *body-art* e a crítica do esporte. Estes fenômenos prenunciavam a crescente tendência de valorização do corpo enquanto posse e atributo do sujeito.

Segundo Sant’Anna (2001), o destaque do corpo nesta nova configuração social, cultural e científica permite levantar hipóteses de que este passou a ser reconhecido como um território⁵ a ser explorado, *locus* de exercício da liberdade individual e a melhor forma de concretização da identidade. Ao estudar a corporeidade, parte-se da concepção do corpo como construção simbólica e social, e não como mera realidade biológica; portanto, objetiva. Na contemporaneidade, o corpo tende a ser considerado também como lugar privilegiado da subjetividade.

Para Kehl (2004, p. 175), o corpo “é ao mesmo tempo o principal objeto de investimento do amor narcísico e a imagem oferecida aos outros - promovida, nas últimas décadas, ao mais fiel indicador de verdade do sujeito, da qual depende a aceitação e a inclusão social”. Apesar de todas as promessas, o aspecto corporal guarda paradoxos entre a libertação do sujeito e sua repressão ou controle social, conforme aponta o movimento feminista.

A partir destas afirmações é possível definir, conforme defende Susan Bordo (1997), que o corpo é um agente social e cultural, não apenas um “texto da cultura”.

É também, como sustentam o antropólogo Pierre Bourdieu e o filósofo Michel Foucault, entre outros, um lugar prático direto de controle social. [...]. Nossos princípios políticos conscientes, nossos engajamentos sociais, nossos esforços de mudança podem ser solapados e traídos pela vida de nossos corpos — não o corpo instintivo e desejante concebido por Platão, Santo Agostinho e Freud, mas o corpo dócil e regulado, colocado a serviço das normas da vida cultural e habituado⁶ às mesmas (BORDO, 1997, p. 19-20).

O controle dos corpos e as relações de poder que se estabelecem por meio destes, foi o ponto central de várias obras de Foucault (1977; 2003). As reflexões do autor, seja sobre os poderes e tecnologias disciplinares ou pela gestão da vida por meio do “biopoder”, permitiram compreender que por meio do corpo se manifestavam os poderes e saberes que regiam as sociedades modernas, sendo o corpo disciplinado, produtivo e útil seu principal alicerce. Ao ser disciplinado o sujeito acaba envolvido pela forças dominantes e pode colaborar com sua própria dominação, ao vigiar o outro e aceitar a vigilância sobre si, segundo Foucault (1977).

⁵ Aqui considera-se o conceito de território ligado às questões de poder, tal qual a proposta dos estudos geográficos.

⁶ Os conceitos de poder disciplinar e *habitus*, de Foucault e Bourdieu, os quais a autora faz menção, serão melhor discutidos posteriormente na proposta de fundamentação teórica.

Segundo Lipovetsky (2004, p. 20), na atualidade os mecanismos de controle dos indivíduos não desapareceram, mas se readaptaram, “abandonando a imposição em favor da comunicação”. O que significa dizer que a mídia por diversas vezes assume o papel de reguladora da vida em sociedade, ditando comportamentos corretos e desejáveis, principalmente no que se refere aos cuidados com o corpo, cuidados estes que são sempre acompanhados por uma atitude de consumo. Quer ser bem aceito socialmente? Esteja dentro dos padrões corporais aceitáveis que lhe são apresentados. Dificilmente a moda e o *fitness* teriam ganho tamanha amplitude se não contassem com a mídia para “educar” os indivíduos para tanto. “O corpo torna-se objeto de constantes cuidados e pedagogias que sobre ele incidem e estão voltadas, ora para civilizá-lo, ora para ensiná-lo a ser útil e higiênico, ora para sexualizá-lo e erotizá-lo” (SOARES, 2001, p. 112).

Neste cenário, encontra-se principalmente o corpo da mulher e as tentativas midiáticas de controle de sua identidade. Para Bordo (1997) há a disseminação de um ideal sempre mutante de feminilidade voltado à homogeneização e ao “aperfeiçoamento” corporal que estimulam a autovigilância.

Por meio de disciplinas rigorosas e reguladoras sobre a dieta, a maquiagem, e o vestuário — princípios organizadores centrais do tempo e do espaço nos dias de muitas mulheres — somos convertidas em pessoas menos orientadas para o social e mais centradas na auto modificação (BORDO, 1997, p.20).

As imagens mais cultuadas de corpos adeptos dessa cultura somática são geralmente dos corpos femininos (certamente justificados por seu maior rendimento erótico), e são tão perfeitos e invariáveis que parecem cobertos de verniz (SANTAELLA, 2004). São corpos sem rosto, uma vez que se igualam, se padronizam: “o mesmo olhar sob o mesmo tipo de maquiagem, os mesmos lábios enxertados como manda o ideal de sensualidade do momento, o mesmo tamanho de sorriso, as mesmas poses, a onipresença da quase nudez, a nudez sem estar nua” (SANTAELLA, 2004, p. 129).

O discurso sobre o que é ser mulher na atualidade está totalmente atravessado pelas definições do ideal de corpo feminino contemporâneo. Não que não o tenha sido em outros momentos históricos e que também que a masculinidade não esteja sob os poderes e dominações difundidos na atualidade, mas talvez este seja o momento mais evidente no qual a mulher é amplamente reduzida aos seios “turbinados”, a uma pele impecável, à “barriga negativa”⁷, à um “glúteo na nuca”⁸. Ao internalizar, aceitar e almejar tais reduções,

⁷ Redução máxima de gordura localizada no abdômen.

a mulher estaria aderindo a “ilusão de cumprir, através do corpo, às exigências contraditórias da premissa contemporânea da feminilidade” (BORDO, 1997, p.26).

Segundo Bourdieu (2010), tais premissas se sustentam por trás de todo um aparato de saberes e poderes simbólicos, constituídos pela enunciação e promotores de relações de poder. Para o autor, o poder simbólico é esse “poder quase mágico, que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário” (BOURDIEU, 2010, p.14). No caso do gênero feminino, esse poder simbólico que alimenta e reverbera os ideais de corpo contemporâneo, se exerce a partir do momento em que é “reconhecido” como algo do qual não haveria como fugir ou optar por outra coisa⁹. A partir desse ponto é que se pode falar que, ao dominar as subjetividades femininas e a gestão de seus corpos, o poder simbólico dos ideais estéticos (e de identidade feminina) na atualidade, se torna gerador de uma “violência simbólica” (BOURDIEU, 2010) contra a mulher, traduzida em uma dominação “consentida” por entender que as normas e as crenças partilhadas constituem-se de modo natural e, portanto, devem ser aceitas e seguidas.

Hoje os espaços midiáticos mais diversos tornam-se *locus* de criação e difusão do ideal feminino. Entendidas como “sistemas simbólicos” (BOURDIEU, 2010), estas atuam no sentido de legitimar o discurso dominante, ampliando o alcance e o reforço da máxima do corpo perfeito.

Não nos dizem mais como é uma “dama” ou em que consiste a feminilidade. Em vez disso ficamos sabendo das regras diretamente através do discurso do corpo: por meio de imagens que nos dizem que roupas, configuração de corpo, expressão facial, movimentos e comportamento são exigidos (BORDO, 1997, p. 24).

Algumas estratégias são utilizadas para legitimar a dominação e os padrões difundidos por meio do discurso do corpo. Estas dão credibilidade às informações veiculadas e auxiliam no processo de aceitação da “naturalidade” da lógica das relações de poder. Dentre as mais utilizadas, estão a apresentação de exemplos a serem seguidos e o reforço do discurso por especialistas.

Assim como Bordo (1997) esclarece, os sistemas simbólicos utilizam modelos de sucesso no autocontrole e autogestão dos corpos geralmente encarnados por celebridades,

⁸ Jargão muito utilizado atualmente pelos *personal trainers* e adeptos das academias, que refere-se ao fato de “trabalhar” exaustivamente os músculos do glúteo a fim de que eles se elevem ao máximo. Algumas academias e blogs ligados a exercícios físicos até mesmo intitulam assim projetos de malhação.

⁹ Não pretende-se defender que não há possibilidades de resistência, apenas explicar a lógica que sustenta as ideologias e o poder simbólico.

atrizes, *top models*, mas também por mulheres comuns, que demonstram que só não atinge o ideal de corpo preconizado, a mulher que não se dedica, que não tem força de vontade, valores morais ou amor próprio suficiente¹⁰. Mais do que uma questão estética, atingir a forma corporal desejada tornou-se uma questão ética.

Desse modo, se formam as “bioidentidades” (ORTEGA, 2008), que sustentam a formação de sujeitos peritos na autovigilância e no governo de seus corpos. A manutenção destas bioidentidades exige sacrifícios de tempo, dinheiro e dor, práticas ascéticas contemporâneas que possuem no próprio corpo padrão o fim último e justificativa de todas as privações e desejos. O fracasso nessa missão é gerador de distúrbios ambíguos: do mesmo modo que fazem surgir distúrbios como a anorexia e a bulimia, fazer crescer os índices de obesidade e depressão.

Assim como os testemunhos de sucesso divulgados (e por consequência os de fracasso indiretamente condenados), a cultura somática utiliza da fala de especialistas como autoridades para reforçar o discurso das normas a serem seguidas para não estar fora dos padrões de beleza. Não é raro observar nas revistas femininas o discurso médico/biológico/científico que difunde as vantagens dos cuidados relegados ao corpo. Cada vez mais esse discurso se constrói sobre o aspecto da saúde, transformando mesmo as práticas e objetivos meramente estéticos em justificativas para um corpo saudável. O imperativo da saúde, também chamado de “*Healthism*”, justifica-se, pois:

a saúde tornou-se não só uma preocupação; tornou-se também um valor absoluto ou padrão para julgar um número crescente de condutas e fenômenos sociais. Menos um meio para atingir outros valores fundamentais, a saúde assume a qualidade de um fim em si. A boa vida é reduzida a um problema de saúde, da mesma maneira como a saúde se expande para incluir tudo o que é bom na vida (CRAWFORD, 1980, p.381 *apud* ORTEGA, 2008, p. 31).

Tendo em vista tal contexto, alguns questionamentos surgem a respeito da temática: até que ponto os padrões meramente estéticos são difundidos como padrões de saúde? É possível perceber a premissa do *healthism* nas publicações impressas e digitalizadas que visam educar a mulher para a autogestão de seu corpo? De que forma esses sistemas simbólicos e esses discursos de poder sobre o corpo da mulher podem ser analisados sob o viés das teorias feministas? Quais as práticas discursivas constroem a categoria do corpo

¹⁰ Neste sentido atua a revista “Sou Mais Eu”, da Editora Abril, que sempre apresenta na capa supostas histórias de superação das próprias leitoras.

saudável? Esses discursos poderiam ser entendidos de fato como uma violência simbólica à mulher?

2 AS PRÁTICAS CORPORAIS NO BRASIL

“A perfeição só existe para consolar da infelicidade e não para que seja realizada, o que seria uma infelicidade ainda maior” (LE BRETON, 2007, p.222)

A obsessão pelo corpo perfeito, lipoaspirado, siliconado, malhado, magro e bronzeado e a sua aceitação de modo natural, sustentada pelo imperativo da saúde, dificultam o questionamento dos padrões e ideais de beleza feminina, e tem como efeito, nas palavras de Susan Bordo (1997), um “recurso político” do feminismo contemporâneo. A autora até mesmo elabora uma crítica ao movimento, afirmando que “só o estudo das representações culturais isolado de considerações sobre sua relação com a vida prática dos corpos pode obscurecer e induzir ao erro” (BORDO, 1997, p. 35). Desse modo, se faz necessário analisar as práticas corporais difundidas por meio dos enunciados midiáticos e sua produção de sentidos, bem como os possíveis efeitos dessas enunciações nas falas das leitoras. Espera-se assim colaborar de modo mais prático para a desconstrução de modelos que subjagam simbolicamente as mulheres contemporâneas e as reduzem aos aspectos físicos de sua existência.

A valorização da “boa forma” corporal parece ser ainda mais preocupante para a mulher brasileira. Segundo pesquisa da *International Health Racquet & Sportsclub Association (IHRSA)*¹¹, realizada em 2012 sobre o mercado *fitness*, o Brasil sozinho é responsável por mais da metade do número de academias na América Latina. Além disso, o número de cirurgias plásticas com fins estéticos aumentou 141% nos últimos quatro anos entre jovens de 14 a 18 anos, segundo dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica¹². Entre as práticas mais comuns estão a lipoaspiração e o implante de silicone nas mamas.

Tais dados impressionam pelos quantitativos e colocam o Brasil no topo do ranking dos países que mais “investem” no corpo. Servem também para exemplificar o quanto a corporeidade se tornou um fim em si mesma, e o quanto o imperativo do corpo esteticamente perfeito se torna uma realidade, especialmente entre as mulheres jovens.

¹¹ Disponível em: <<http://www.ihrsa.org/club-resources/>> . Acesso em: 14 jun. 2014.

¹² Disponível em: <<http://www2.cirurgiaplastica.org.br/numero-de-cirurgias-plasticas-entre-adolescentes-aumenta-141-em-4-anos/>> . Acesso em: 05 out. 2013.

Estes são apenas alguns exemplos de práticas corporais que ganham cada vez mais espaço na atualidade, dentre as quais poderiam ser citadas também a indústria cosmética e farmacêutica (prevenção de riscos estéticos, potencializadores de resultados corporais, estimulantes, etc), as práticas esportivas, terapias estéticas, grupos de discussão sobre cuidados corporais, dentre outros.

Percebe-se que, por estarem muitas vezes envolvidos na premissa do *healthism*, as práticas corporais apreoadas pela mídia feminina como caminho para corpo ideal ainda não foram suficientemente exploradas pela pesquisa científica, principalmente no que se refere às relações de poder e saberes engendrados por elas na dominação dos corpos.

3 ESTUDOS FEMINISTAS, O CORPO FEMININO E O PODER SIMBÓLICO

Sem dúvida, os estudos feministas são capazes de contribuir de modo bastante significativo para a reflexão e a crítica a respeito dos ideais de corpo contemporâneos. Partindo da reflexão de autoras como Butler (2003), é possível a contestação das naturalidades dos discursos. Ao questionar o sexo e o gênero enquanto “naturais”, Butler também contesta as características ditas como naturalmente femininas, o que permite repensar as atribuições de sentido feitas à mulher na cultura somática.

Butler (2003) reflete também sobre a constituição das identidades, que não podem ser entendidas como fixas e nem se sustentam sobre os dualismos tradicionais. Para a autora, as identidades sexuais e de identidades de gênero, por exemplo, são construídas socialmente e são investidas dos mais diferentes poderes discursivos. Para Bordo (1997) estes poderes discursivos sustentam uma dominância a partir de mecanismos de constituição e não de repressão, conforme defende a teoria foucaultiana. Os mecanismos de poder estariam então a moldar e multiplicar o desejo ao invés de reprimi-los (BORDO, 1997). A partir destes mecanismos é que, acredita-se, possa disseminar os padrões de beleza e saúde junto às mulheres e fazer com que elas os desejem e busquem realizá-los.

De certo modo, sempre foi uma bandeira das feministas questionar tais padrões que dão por fechadas as características possíveis e esperada das mulheres, mesmo que em momentos históricos anteriores. De acordo com Sant’anna (2005), a posse de beleza ou o desejo de embelezamento eram características próprias atribuídas à mulher já na década de 1950 no Brasil. Àquela época, “recusar o embelezamento denota uma negligência feminina que deve ser combatida” (SANT’ANNA, 2005, p. 129). A partir desse momento histórico, a

prática do embelezamento deixa de ser um fenômeno coletivo, feito junto às amigas confidentes, e passa a ser um fenômeno de responsabilidade individual de cada mulher.

A partir dos anos de 1960 os discursos sobre a mulher, em especial os publicitários remetem ao prazer de “cuidar” do próprio corpo. “Embelezar-se é necessário não somente para conseguir um bom casamento, mas para cultivar o ‘prazer de se curtir’” (SANT’ANNA, 2005, p. 136). Segundo Sant’anna (2005), é a partir desses discursos que vão surgir, nas décadas posteriores, a noção de que os cuidados corporais femininos precisam ser vistos como um prazer, e que se seria inadmissível a mulher se recusar a estes cuidados. Desde aquela época, até os dias atuais, revistas femininas e anúncios publicitários tornaram-se orientadores do embelezamento, e colocaram unicamente sobre a mulher a responsabilidade sobre de aparência física.

Os conselhos de beleza apostam na necessidade de ser bela da cabeça aos pés, em todas as horas do dia e em todas as idades. E as fotografias publicitárias não deixam de mostrar partes do corpo cada vez mais íntimas, devidamente tratadas, depiladas, embelezadas. A vontade de ser ‘mulher livre’ rima como dever ser fotogênica para os outros e para si mesma, em todas as circunstâncias (SANT’ANNA, 2005, p.66).

Desse modo, se torna possível apropriar do conceito de poder simbólico de Bourdieu (2010). O autor nos permite entender os aparatos midiáticos como “sistemas simbólicos”, como instrumentos de comunicação e conhecimento, responsáveis por legitimar a dominação exercida por um grupo ou ideia. Enquadram-se aqui as diversas mídias que apresentam, legitimam e defendem o discurso dos padrões estéticos femininos. É a partir desse processo de disseminação e legitimação que surge a dominação entendida como “natural” e consentida pelos dominados, expressa na “violência simbólica” (BOURDIEU, 2010, 14-15).

4 HEALTHISM E O IMPERATIVO DO CORPO SAUDÁVEL

Ao analisar os padrões corporais difundidos atualmente observa-se o status que o discurso médico/científico/biológico alcançou como legitimador das bioesceses. Não apenas as práticas corporais, mas todas as práticas sociais passam a ser resignificadas como práticas de saúde (ORTEGA, 2008). Até mesmo os dispositivos de poder são alterados pelo discurso do corpo saudável.

Nas nossas sociedades, a comida ocupa o lugar da sexualidade como fonte potencial de ansiedade e patologia. O tabu que se colocava sobre a sexualidade desloca-se agora para o açúcar, as gorduras e as taxas de colesterol. Os tabus passaram da cama para a mesa (ORTEGA, 2008, 40-41).

Os objetivos femininos começam a se reduzir a modificações pontuais em seus corpos, que desejam ser, antes de tudo, saudáveis, mas principalmente atrativos ao olhar do outro. Tornam-se bastante comum os “projetos para o verão”, que visam eliminar de modo rápido, porém “saudável”, os excessos de gorduras, as celulites ou flacidez, afinal, quem não quer estar “com tudo em cima” na praia? Indagam as mídias femininas. “A mulher é, assim, separada viva de seu corpo convertida em material comutável de exposição e exibição sob o signo da beleza, da sedução e do princípio paradisíaco do prazer” (SANTAELLA, 2004, p. 130)

Um elemento importante apresentado pelo imperativo do corpo saudável está na gestão dos “riscos” corporais. O discurso do risco diz às mulheres que elas devem estar sempre atentas e vigilantes sobre sua corporeidade, a fim de evitar a menor das barreiras no caminho de busca do corpo perfeito e saudável. A gestão dos riscos que pôde há tempos ser fomentada pela medicina, encontra na expansão da tecnociência e da biologia moderna seu par ideal. Ao conhecer a probabilidade genética de determinado distúrbio corporal, ainda que não comprovada com exatidão por se tratar de uma simples probabilidade, as mulheres contemporâneas se colocam sempre a procura de uma nova droga que possa sanar suas possíveis consequências incomodadas no corpo. “A medicina deixa de tornar-se preventiva e curativa e torna-se preditiva” (SILVA, 2001, p.71).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo pode-se concluir que há vários enunciados e sistemas simbólicos e de poder envolvidos no discurso do corpo perfeito e na definição de mulher na atualidade. A difusão da autovigilância, do imperativo do corpo saudável e das bioasceses, parecem sustentar a violência simbólica que conduz as mulheres à busca obsessiva de se enquadrarem nos padrões utópicos de beleza. “A beleza e a elegância, visadas na origem, se reduziram a simples álibi para o exercício disciplinar cotidiano, obsessivo. Por reviravolta completa, o corpo transforma-se em objeto ameaçador que é preciso vigiar, reduzir, mortificar para fins ‘estéticos’ (BAUDRILLARD, 1995, p. 151).

6 REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, J. **A Sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1995.
- BORDO, S. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: BORDO, S.; JAGGAR, A.M. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Trad. Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 1998.
- FOUCAULT, Michel. **Historia da sexualidade: o cuidado de si**. 15. ed.. Rio de Janeiro: Graal, 2003.
- _____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- KELL, Maria Rita. Com que corpo eu vou. In: BUCCI, Eugênio; Kell, Maria Rita (Orgs). **Videologias: ensaios sobre televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- LE BRETON, David. **Adeus ao Corpo**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.
- LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- ORTEGA, Francisco. Práticas de ascese corporal e constituição das bioidentidades. **Cadernos Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 11 (1): 59 – 77, 2003.
- _____. **O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea** Rio de Janeiro : Garamond, 2008.
- SANTAELLA, L. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade**

contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. 127 p.

_____. **Políticas do corpo:** elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

SILVA, Ana Márcia. **Corpo, ciência e mercado:** reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade. Florianópolis: UFSC, 2001. 144p.

SOARES, C. L. **Corpo e História.** Campinas, SP: Autores Associados, 2001.